

Madame du Châtelet. 2004. *Discurso Sobre a Felicidade*. Título original: *Discours sur le Bonheur* (1997). Paris: Editions Payot & Rivages, Rivages P poche/Petite Bibliothèque. Tradução: Maria João Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 76 pp. ISBN: 2-7436-0196-5.

Emilie du Châtelet (1706-1749) foi uma iluminista de excepção que ombreou com algumas das figuras mais notáveis do seu tempo. Intelectual de inúmeros talentos, dotada de uma personalidade a todos os títulos invulgar, esta aristocrata francesa despreconceituosa, rebelde, ambiciosa, independente e arrebatada tem o seu nome ligado tanto às disciplinas científicas mais exigentes da sua época, como a matemática ou a física, como a domínios como a tradução de textos clássicos do latim, a filosofia ou a metafísica, como ainda à sua longa relação amorosa com Voltaire. O presente texto vem acompanhado por um prefácio da autoria de Elisabeth Badinter, autora francesa ligada às ciências sociais com obras publicadas entre nós, como *O Amor Incerto* e *Um é o Outro*.

O *Discurso sobre a Felicidade* foi escrito, provavelmente, em 1747 e é uma daquelas obras intemporais, cuja modernidade só não nos surpreende, se tivermos presente como o Iluminismo varreu o mundo do seu tempo com a sua modernidade. Se fizermos abstracção do recurso a algumas expressões caídas em desuso e se desconhecermos a época em que foi produzido, este texto bem poderia passar por ser contemporâneo, tal é a sua actualidade e capacidade de nos interperlar nalgumas das preocupações dominantes da nossa época.

O prefácio relata-nos alguns dos episódios mais marcantes da história de vida afectiva e intelectual de Emilie du Châtelet; do seu inconformismo face às regras estritas da sociedade do seu tempo, à sua autonomia intelectual, ao seu gosto pela polémica, à sua exposição pública decorrente das suas corajosas escolhas afectivas. Badinter traça, nas páginas introdutórias do livro, o retrato de uma mulher que representava aquilo que a sua época teve de melhor e que, ao mesmo tempo, enuncia, com pelo menos dois séculos de antecendência, o que viria a constituir muitas das reivindicações e conquistas femininas da segunda metade do século XX. A autora, que revela um verdadeiro fascínio por uma personalidade a quem há já vinte anos dedicara um livro (*Emilie, Emilie, l'Ambition*

Féminine au XVIII Siècle, 1983), atribui-lhe 'uma lucidez feminista, muito contemporânea'. E, se as incursões feministas nos bastiões dos homens estão actualmente na ordem do dia, custando, muitas vezes, às mulheres a crítica implacável dos seus pares, então Mme du Châtelet foi também pioneira nesse domínio. Traduziu a obra mestra de Newton, *Principia*, tornando-a disponível a um público muito mais vasto que aquele capaz de a ler em latim, e que foi a única durante mais de duzentos anos. Concorreu, em simultâneo com Voltaire, ao prémio da Academia das Ciências em 1738, com uma dissertação subordinada ao tema 'Da Natureza do Fogo e da sua Propagação', e manteve uma acesa polémica pública com o secretário da Academia, assumindo a defesa dos pontos de vista de Leibniz sobre as forças vivas. Publicou depois as *Instituições da Física*, em 1740, tornando-se no alvo de eleição das críticas generalizadas dos cartesianos, mas firmando os seus créditos no seio da comunidade científica da época. Então como agora, se bem que Mme du Châtelet viu os seus méritos científicos reconhecidos por figuras da estatura dos matemáticos Maupertuis, Clairaut e Cramer, não escapou ao sarcasmo e à inveja das suas contemporâneas eruditas, como Mme de Graffigny, Mme de Créquis e Mme du Defaud, que lhe censuravam a sua alegada intenção de se colocar acima das outras mulheres e de escrever tratados incompreensíveis.

Ao longo das páginas do *Discurso*, Mme du Châtelet procurou responder à questão que, não sendo nova, se colocou no centro do que poderia chamar-se o hedonismo contemporâneo. Contudo, não se limita a procurar uma resposta geral, que abranja os seres humanos indiscriminadamente; Mme du Châtelet esclarece o leitor, desde as primeiras páginas, que o seu público é constituído por uma minoria, 'as pessoas do mundo', aqueles que dispõem de meios de fortuna pessoal e que não são, necessariamente, os mais 'fáceis de tornar felizes'. Por outro lado, e num registo quase confessional, compreensível se se conhecerem as suas atribulações sentimentais com Voltaire e, no fim da vida, com Saint-Lambert, Mme du Châtelet parte da sua experiência pessoal para traçar as condições essenciais à felicidade das mulheres, à qual diz ser mais necessário o amor pelo estudo que aos homens. Este apego ao estudo, a que ela, juntamente com a devoção aos homens a

quem amou, dedicou toda a vida, constituiria, na sua opinião, a condição da independência individual, indispensável à felicidade, por nos subtrair à dependência de outrém. O texto abre com o enunciado geral das condições necessárias para se ser feliz: ser isento de preconceitos, ser virtuoso, gozar de boa saúde, ter gostos e paixões, ser susceptível de ter ilusões. Num registo hedonista e anti-moralista, Mme du Châtelet exorta-nos a convencer-nos a nós próprios de que o nosso único fim neste mundo é o de nos proporcionarmos sensações e sentimentos agradáveis. Esta ideia rompe com a ideologia judaico-cristã que equipara a vida do homem a um vale de lágrimas, à inevitabilidade do sofrimento e da miséria, que só a morte pode, sob condições muito precisas, resgatar. A defesa do ascetismo, da privação, da renúncia a qualquer tipo de compensação antes da incerta entrada no reino dos céus não pode estar mais afastada da visão de Mme du Châtelet sobre o destino humano. Apaixonada, gulosa, ousada, não renunciava aos prazeres terrestres (dela e de si próprio diria Voltaire serem 'filósofos muito voluptuosos') e defendia a felicidade como um direito irrenunciável.

Muito antes do existencialismo e da psicologia humanista, Mme du Châtelet defendeu a ideia de que somos nós os principais responsáveis pelas nossas vidas e, logo, pela nossa felicidade, considerando que podemos controlar grande parte do que nos acontece, agindo sobre as nossas próprias circunstâncias.

Numa época em que a inépcia da medicina era ferozmente caricaturada, Mme du Châtelet considerava que a boa saúde e uma vida longa dependiam, principalmente, da prática de bons hábitos alimentares e da renúncia aos excessos inúteis e debilitadores, causadores da maior parte das doenças. Quanto à isenção de preconceitos como fonte de felicidade, ela dependeria, sobretudo, de um espírito aberto e crítico, instruído e que não se deixe influenciar pela religião. A virtude, que ela distingue da conveniência, constituiria um outro condimento da felicidade, considerando-se virtuoso todo aquele que contribua para a 'felicidade da sociedade'. Cultivar a virtude permitiria, assim, não só evitar ser infeliz, dado que a virtude constitui um bem em si e é a sua própria recompensa. A seu ver, nenhum sentimento é mais agradável que aquele que resulta de uma boa

acção e que nos faz ganhar a estima dos nossos semelhantes.

Ao distinguir entre erros e ilusões, Mme du Châtelet defendia que as últimas são imprescindíveis, não para nos proporcionarem sentimentos agradáveis, mas para acomodá-los à nossa natureza. Daí adviria todo o prazer que se pode ter ao assistir aos espectáculos de entretenimento, como o teatro, em que só a ilusão nos permite apreciar aquilo que sabemos não ser verdadeiro. As ilusões são, para ela, essenciais e, se é certo que não as podemos fabricar, podemos, certamente, preservar as que temos e não procurar destruí-las.

Para além destas condições de base, a autora antecipa as ideias da psicologia humanista, lembrando, de certa forma, o pensamento de Maslow, May, Rogers e Fromm: é fundamental que os indivíduos estejam decididos a ser quem são e a fazer o que de facto desejam, condição esta que ela considera faltar a quase todos os seres humanos. Os remorsos pelos erros cometidos, o pessimismo, as preocupações com um futuro longínquo, a ideia da morte e da velhice deveriam ser evitados a todo o custo por serem a causa de 'todos os males metafísicos', justamente, aqueles que podemos evitar.

Quanto às paixões, consideradas indispensáveis à felicidade, e deixando de fora as indesejáveis como a vingança, a cólera, Mme du Châtelet distingue entre aquelas que nos colocam na dependência dos outros, como a ambição, e aquelas que mais nos tornam felizes, ao permitirem-nos a independência, como o amor ao estudo. Este constitui, na sua opinião e por experiência própria, uma fonte inesgotável de prazer.

Finalmente, Mme du Châtelet aborda a paixão que mais pode proporcionar-nos a felicidade, ao mesmo tempo que pode fazer-nos profundamente infelizes, ao colocar-nos à mercê dos outros: o amor. É nas últimas páginas deste texto que melhor se nota o seu carácter autobiográfico; sem mencionar qualquer nome, a autora refere-se explicitamente a si própria com lucidez e desencanto. Reconhece a inevitabilidade do apaziguamento que a segurança implica e a acalmia do desejo que o tempo instala nas relações amorosas; descreve a forma como alguém excessivamente arrebatado na expressão dos seus sentimentos pode amar por dois e deixa implícito serem as mulheres (sendo ela própria disso exemplo) mais capazes que

os homens desse tipo de envolvimento. Contudo, considera que o carácter paradoxal do coração masculino faz com que, perante um amor tão excessivo, todo o homem acabe por se afastar, na indolência de se saber amado para além de qualquer dúvida. Mas, apesar de todo o sofrimento que a paixão amorosa pode implicar, sobretudo para alguém que se entrega tão totalmente a ela, Mme du Châtelet mantém no seu discurso um optimismo que a leva a afirmar que seria, porém, 'ridículo privar-se deste prazer por receio de uma infelicidade futura que talvez só venhamos a experimentar após termos sido muito felizes'. Aconselha-nos, contudo, a esquecer quem deixou de amarnos, como solução para evitar uma infelicidade maior. Embora desencantado, sem dúvida ingénuo, o *Discurso* contém uma mensagem de optimismo e confiança nas capacidades do indivíduo claramente característico do Século das Luzes. O homem – e a mulher – como construtores do seu próprio destino, responsáveis pelas suas acções, decisões e respectivas consequências são susceptíveis de ser fortes e vulneráveis,

apaixonados e racionais, felizes e infelizes, mas nunca fantoches destituídos de vontade nas mãos do destino.

Numa época de profundo desencanto, de perplexidade, em que o homem nunca dispôs de tantos recursos para ser feliz e nunca foi mais incapaz de o ser, prisioneiro de mil tiranias invisíveis, na sua vibrante actualidade, o *Discurso* exorta-nos, afinal, a termos a coragem de nos tornarmos no que somos, a atrever-nos a correr o risco de sermos, afinal, felizes. A não nos comprazermos no queixume, na tristeza e na resignação, a estarmos intensamente vivos, no contacto com os outros e com o produto do espírito humano, a evitarmos a ambição, que só pode decepcionar-nos, e a alienação. A tese de Mme du Châtelet sobre a felicidade poderia, finalmente, resumir-se nas suas últimas palavras: 'decidamo-nos sobre o rumo que queremos tomar para passar a nossa vida e procuremos semeá-lo de flores'.

Maria João da Costa Pereira
*Instituto Superior de Comunicação
 Empresarial / Instituto Superior
 Miguel Torga*